

ZYGMUNT BAUMAN: SOBRE EDUCAÇÃO E JUVENTUDE NA SOCIEDADE DE CONSUMO

ZYGMUNT BAUMAN: ABOUT EDUCATION AND YOUTH IN THE CONSUMER SOCIETY

Matheus Mesquita Pontes¹

O sociólogo Zygmunt Bauman caminha para seus 90 anos de idade e mantém ativa sua produção intelectual desde os anos de 1950. No Brasil, seus livros começaram a ser traduzidos e editados no final dos anos de 1980, mas somente no início do século XXI é que sua produção ganhou um expressivo espaço entre estudantes, pesquisadores e curiosos das ciências humanas, ávidos por ler seus escritos sobre a modernidade líquida e suas consequências nas relações em sociedade. Pela editora Zahar, que atualmente detém os direitos autorais de Bauman no Brasil, são mais de 30 títulos do autor.

Em 2013 foi lançado, no Brasil, *Sobre educação e juventude*, primeiro livro de Bauman que foca a relação juventude e educação nos contextos da sociedade líquida de mercado. A obra parte de um diálogo entre o pesquisador

italiano do Centro Studi Erickson, Riccardo Mazzeo², e Bauman entre agosto e setembro de 2011, que foram marcados pelos fortes impactos dos levantes da “Primavera Árabe” no norte da África e Oriente Médio e pelas manifestações juvenis e populares frente à crise social e econômica pela qual passava o continente europeu. Originalmente o livro foi lançado em 2012, na Inglaterra, com o título *On education: conversations with Riccardo Mazzeo*.

Seguindo a linha de pensamento dos seus ensaios lançados nos últimos anos³, Bauman reconhece, em *Sobre educação e juventude*, que existe uma homogeneidade da sociedade de consumo em nossas relações, sendo que somos instigados a comprar e gastar o que temos e o que não temos para saciar nossas fantasias, ansiedades, dores e frustrações.

¹ Professor de História do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Mato Grosso (IFMT). Possui Mestrado em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

² Riccardo Mazzeo volta suas pesquisas às questões educacionais na Itália e também é o tradutor dos livros de Bauman para o italiano.

³ Bauman não se vincula a nenhuma linha teórica de pensamento, apesar de fazer uso constante da filosofia, da antropologia, da história, da abordagem marxista e de pensadores pós-modernos.

Nessa ânsia consumista, o setor mais almejado pelos mercados é a juventude, que se apresenta como um grupo social com potencialidades de gerar novas frentes de exploração, isso graças ao constante adestramento ou treinamento de práticas de consumo vindas das novas mídias e, em especial, das redes sociais. A construção das amizades ou outros laços sociais instantâneos, descartando-os posteriormente de acordo com os desejos momentâneos, torna-se prática que o mercado visa para o nosso consumo cotidiano.

Essa ilusão se agrava, segundo os prognósticos de Bauman, já que, na sociedade de consumidores, cresce o número dos “desqualificados” que não podem atingir os padrões de normalidade difundidos pelo mercado, sendo que parte expressiva da juventude se encontra nesse bloco. Um dos fatores que levam à marginalização da juventude é a desigualdade nas oportunidades educacionais, sendo que o Estado se desobriga das responsabilidades de ensino, transmitindo-a para a iniciativa privada. Tanto para Bauman como Mazzeo, os altos índices de aumento nas mensalidades das universidades europeias inviabilizam ou desestimulam as famílias a colocarem seus filhos no ensino superior. Para complicar a situação, devido à redução das frentes de trabalho com melhores remunerações, o sonho de que o diploma de nível superior em uma universidade de elite possa

garantir a prosperidade na sociedade de consumo está abalado. Mesmo com a educação superior não ofertando mais as possibilidades de ascensão social de anos atrás, Bauman aponta exemplos da alta procura pelas universidades europeias e as amplas movimentações da juventude chilena e mexicana que pressionam o Estado a ofertar educação superior pública de qualidade em seus países.

Para Bauman, “do berço ao túmulo” somos instigados a tratar as lojas de consumo como farmácias repletas de remédios que podem nos oferecer a fórmula da alegria em contraposição às nossas moléstias e aflições do dia-a-dia. Os comerciais bem elaborados pelo universo do *marketing* nos dizem que a plenitude do prazer em consumir significa obter a plenitude da vida; sendo assim, a ausência desse prazer aponta para uma falta de dignidade humana. Tal fantasmagoria levou, segundo Bauman, aos distúrbios em Londres em 2011⁴, durante os quais “consumidores excluídos e desqualificados”, principalmente jovens, queimaram e saquearam lojas para satisfazer suas vontades de consumo ou para demonstrar o ódio em não poderem comprar – uma “farra de compras”, feita sob medida para as pessoas que não têm renda, alega o sociólogo.

Porém, a grande preocupação de Bauman não é com os distúrbios sociais que levam aos saques e às depredações, já que esses são plantados como minas explosivas que em

⁴ Sobre as manifestações na Inglaterra, Bauman concedeu entrevista à Fernando Duarte, de *O Globo*, que foi publicada em 12 de agosto de 2011 e editada na íntegra em *Sobre educação e juventude* (p. 84-88). Entrevista disponível em: <<http://oglobo.globo.com/mundo/foi-um-motim-de-consumidores-excluidos-diz-sociologo-zygmunt-bauman-2690805>>. Acesso em: 9 jun. 2014.

determinado momento tendem a eclodir, mas sim com a desqualificação e culpabilidade posta sobre os estrangeiros e as minorias sociais e econômicas. O autor lembra da ambiguidade do presidente francês Nicolas Sarkozy (2007-2012), que, quando a economia local andava bem, defendia o multiculturalismo da nação, apontando o estrangeiro de forma positiva. Com a crise econômica e os distúrbios florescendo no final de seu mandato, o discurso passou a ser em defesa da “comunidade francesa” com seus hábitos e estilo de vida em oposição aos “outros” que a ameaçam.

Tanto Bauman⁵ quanto Mazzeo se opõem à mixofobia – medo de socializar-se com estrangeiros – e à xenofobia crescente na Europa e defendem a inserção dos imigrantes com os mesmos direitos e deveres frente aos nativos. Bauman é defensor da mestiçagem racial e cultural, sustentada numa “antropologia recíproca” em que os dois lados se respeitam e vivem uma constante situação de aprendizagem, e acredita que, se a Europa não se abrir aos imigrantes, sua população tende a reduzir-se drasticamente nas próximas décadas e entrará em colapso econômico, graças às baixas taxas de natalidade e ao aumento do envelhecimento. Nesse quesito das inter-relações entre os povos, o autor afirma estar o grande desafio dos educadores, já que a migração se torna irreversível e necessária no mundo globalizado.

Bauman considera que a cultura líquido-moderna não estimula a prática da aprendizagem e da acumulação de conhecimento; ela incentiva o rápido descarte, o desengajamento, a descontinuidade e o esquecimento, tudo em favor da frenética vontade de consumir. Para isso, além das redes sociais virtuais, a mídia consumista de entretenimento apela para a “depravação” dos seus anúncios, estimulando todos os tipos possíveis de desejo, desde as lembranças de infância aos prazeres sexuais. O autor acentua que temos vários motivos para nos preocuparmos frente à insustentabilidade social e ambiental da atual conjuntura, mas isso não aponta para uma condição de desespero. Sem delinear um horizonte para o nosso futuro, o sociólogo acredita no desenvolvimento de uma “revolução cultural” que desorganize e reordene nossa identidade consumista, sendo que o sistema educacional, apesar de limitado e cada vez mais submetido à lógica do consumo, pode ser uma das principais molas impulsoras dessa transformação. O fomento à resistência e o espírito crítico dentro da educação, aliados à crença de que a juventude possui capacidade criativa e de apropriação de novas ideias, são peças-chave para a “revolução cultural” vislumbrada por Bauman.

Seguindo essa linha de raciocínio, Bauman observa com bons olhos a “Primavera Árabe”, os “indignados” na Europa e o movimento estudantil e juvenil na América

⁵ Nascido em 1925 na Polônia, Zygmunt Bauman viveu parte expressiva dos conflitos e diásporas que marcaram o século XX. Como professor universitário e intelectual polonês nos tempos do “socialismo real”, o sociólogo teve que migrar para os Estados Unidos, Austrália e depois consolidou e fixou sua carreira acadêmica na Inglaterra.

Latina. Acredita que novos métodos reivindicatórios foram encontrados, como a ocupação permanente e massiva das praças até que as exigências sejam atendidas e o uso das novas mídias com “faíscas” para acender as “fogueiras” da rebelião. Porém, em parte dos movimentos, aponta-se a ausência clara de uma demanda, tornando as manifestações uma diversão, isto é, uma alegria coletiva a ser “consumida no ato”, o que torna a ação uma prática instantânea e efêmera. A crítica do autor não invalida o efervescente laboratório de inter-relações promovidas pelos jovens nas movimentações, pois, através delas, novas coexistências estão sendo construídas lentamente.

Apesar de Bauman ter como foco de análise a Europa, o livro *Sobre educação e juventude* pode nos ajudar a compreender a recente realidade brasileira. Nas últimas décadas pós-ditadura, percebe-se que o Estado, em parceria com a grande mídia nacional, vem estimulando a troca das políticas de bem-estar social (serviços em saúde, educação, mobilidade urbana, moradia etc.) pelo estímulo à liberdade/ao poder do consumo. Hoje a questão do bem-estar social nas famílias brasileiras se vincula à questão da facilidade do crédito e à aquisição de eletrodomésticos, automóveis, entretenimento, entre outros bens e serviços. Isso vem formando no Brasil uma legião de endividados e de “excluídos do consumo” que, de modo semelhante ao caso inglês de 2011, promovem ondas de saques a lojas de eletrodomésticos e depredação a instituições financeiras, seja no intuito de obter seus desejos de consumo ou para

demonstrar sua indignação à pilhagem financeira promovida pelos bancos.

As jornadas de julho de 2013, protagonizadas pela juventude brasileira com suas reivindicações difusas em centenas de cidades brasileiras, assemelham-se a diversas manifestações europeias: são organizadas pelas redes sociais e impulsionadas pela crise social e econômica, mas faltam demandas e estratégias claras para a efetiva transformação. Com esses aspectos em comum, Bauman acredita que as distâncias geográficas já não contam para o (re)ordenamento/a transformação da sociedade e redefine o conceito de globalização, asseverando que “os estímulos viajam de maneira independente de suas causas; as causas podem ser locais, mas o alcance de suas inspirações é global; as causas podem ser globais, mas seus impactos são moldados e direcionados em âmbito local” (BAUMAN, 2013, p. 124).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. *Sobre educação e juventude: conversas com Riccardo Mazzeo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. 131 p.